

## Eterno retorno

**E**M 11 de Março de 1966, o general De Gaulle enviou uma carta a cada um dos membros da Aliança Atlântica para anunciar a retirada da França dos comandos militares integrados da OTAN.

A decisão não foi uma surpresa, antes era a conclusão de um processo de separação iniciado em 1958. Mas os aliados não estavam à espera da decisão naquele momento e os termos em que foi tomada garantiram a polémica.

Quando lhe comunicaram a decisão do general, que implicava a retirada das forças militares dos EUA estacionadas em França, o Presidente Lyndon Johnson mandou perguntar ao seu homólogo se deviam também retirar dos cemitérios franceses os soldados americanos mortos na Grande Guerra e na Segunda Guerra Mundial. O secretário de Estado Dean Rusk não cumpriu, porém, essas instruções – e, pelo contrário, desvalorizou a decisão francesa. Decisão que, de resto, não tinha consequências significativas nem para a defesa da Europa Ocidental nem para a segurança da França, que continuou abrigada da ameaça soviética pelo guarda-chuva nuclear norte-americano.

**O**S ARGUMENTOS apresentados pelo general De Gaulle eram vagos e pouco consistentes. A presença de forças militares americanas em França não prejudicava a sua independência nacional; a autonomia do pequeno arsenal nuclear francês não estava em causa; os riscos de envolvimento da Aliança Atlântica nas guerras americanas da Ásia eram inexistentes.

A recuperação política e económica das democracias europeias e as mudanças na União Soviética e na China – o general considerava que as posições da França e da China eram simétricas ... – não

tinham tornado supérflua a organização da defesa colectiva ocidental. De resto, De Gaulle retirava a França da estrutura dos comandos integrados, reiterando a sua vinculação ao Tratado do Atlântico Norte.

**M**AS a visão estratégica do general era clara e radicalmente oposta à concepção norte-americana da comunidade ocidental: a Europa só podia existir se demonstrasse capacidade para assegurar autonomamente a sua defesa – e, portanto, a integração militar ocidental na OTAN era incompatível com uma verdadeira união política europeia. Nesse sentido, a França, para poder unir a Europa e voltar a ser uma grande potência, precisava de se separar da estrutura militar integrada da defesa transatlântica, embora sem sair da Aliança Atlântica.

No dia 11 de Março de 2009 – precisamente quarenta e três anos depois da carta do general –, o Presidente Nicholas Sarkozy declarou que tinha «chegado a hora de não mais nos excluirmos» e confirmou o regresso pleno da França à OTAN na próxima cimeira da Aliança Atlântica em Estrasburgo.

**M**AIS uma vez, a decisão francesa não foi uma surpresa e encerra um longo processo iniciado depois do fim da Guerra Fria. Desde logo, a participação francesa nas missões da Aliança Atlântica na Bósnia-Herzegovina, a partir de 1993, forçou a sua presença no Comité Militar. Em 1995, o Presidente Jacques Chirac abriu caminho para a re-integração, reclamando – embora sem sucesso – a atribuição do Comando regional da OTAN em Nápoles a um almirante francês. Em 1996, a França voltou a participar em permanência no Comité Militar, mas sem regressar ao Grupo de Planeamento Nuclear. Nos anos seguintes, do Koso-



Carlos Gaspar

Director do Instituto  
Português  
de Relações Internacionais

**De Gaulle tirou a França do comando integrado da OTAN, Sarkozy fê-la regressar ao ponto de partida. É o 'eterno retorno', de que falava Maquiavel**

vo ao Afeganistão, as forças francesas estiveram em todas as intervenções militares da OTAN. O próprio Presidente Sarkozy, logo a seguir à sua eleição, declarou que a França devia recuperar, por inteiro, o seu lugar na OTAN. Neste momento, parece adquirido que o Comando de Norfolk, responsável pelos programas de transformação da OTAN, e o Comando regional de Oeiras – criado em 1967, na sequência da retirada da França –, serão entregues a oficiais-generais franceses.

**O**S ARGUMENTOS do Presidente Sarkozy são vagos e pouco consistentes. A credibilidade da França como parte integrante da aliança ocidental não estava em causa, a sua contribuição para a defesa colectiva não se vai alterar, a autonomia do seu arsenal nuclear continua garantida, a vontade francesa de 'co-dirigir' a Aliança Atlântica não chega para superar as assimetrias da OTAN.

Mas a visão estratégica de Sarkozy é clara e inteiramente compatível com a concepção norte-americana da comunidade ocidental: a França reconhece que só é possível realizar a sua estratégia de união europeia como membro pleno da OTAN – e que não se pode restaurar a autonomia da defesa europeia fora do quadro da Aliança Atlântica.

**M**AQUIAVEL ensinou que a regra da História é o eterno retorno. Sarkozy concluiu que o general não tinha razão e regressou ao ponto de partida, sublinhando que os Estados Unidos tinham salvo a França duas vezes. Os soldados norte-americanos sepultados nos cemitérios franceses são, ao mesmo tempo, um sinal do declínio da França e o símbolo da aliança entre as duas grandes Repúblicas. No fim, a sua mensagem foi mais forte do que as ilusões sobre a grandeza perdida.

### BREVES

#### Bolsa para os Estados Unidos

ESTÃO abertas as candidaturas para o American Club Award 2009. Este fundo financia portugueses, entre os 20 e os 35 anos, para viajarem de duas a quatro semanas nos Estados Unidos e trabalharem projectos na área das relações luso-americanas. Mais informações em [www.americancluboflisbon.com](http://www.americancluboflisbon.com)

#### Poe em colóquio internacional

TERMINOU ontem o Colóquio Internacional 'Poe e a Criatividade Gótica', que comemorou o bicentenário do nascimento de Edgar Allan Poe. O evento, organizado pelo Grupo de Estudos Americanos do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, contou com o apoio da Fundação e decorreu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e noutros locais. [http://www.fl.ul.pt/poe\\_gothic\\_creativity/](http://www.fl.ul.pt/poe_gothic_creativity/)

#### Debate sobre eutanásia

OS CONTRIBUTOS apresentados no Ciclo de Conferências realizado em conjunto pela FLAD, pelo Gabinete de Filosofia do Conhecimento e pelo Instituto Português de Oncologia de Lisboa Francisco Gentil foram lançados esta semana em livro. A obra *A Condição Humana: Ética, Saúde e Interesse Público* foi apresentada pelo neurocirurgião João Lobo Antunes e pelo cientista Alexandre Quintanilha, que debateram o tema da eutanásia.

Sara Pina